

almasada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#29 (tomo 2) Jul. 2026

O LIDADOR

história social atlântica

nos Açores



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição gráfica que tem por base fotografia subaquática do *Lidador*, embarcação a vapor construída em Londres, em 1873, que assegurou a rota Lisboa-Rio de Janeiro por um curto período, pois naufragou apenas cinco anos depois na baía de Angra do Heroísmo. É hoje um dos naufrágios mais visitados por mergulhadores recreativos no arquipélago dos Açores.

Foto | © José Luís Neto.



2.ª Série, N.º 29, Tomo 2, Julho 2026

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial | www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://issuu.com/almadan>;
https://zenodo.org/communities/al-madan_online

Periodicidade | Semestral

Apoios | Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Câmara Municipal de Almada / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Cota 80-86, Unipessoal, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neopéica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

N a ocasião em que se discute a criação, nos Açores, de um Museu Nacional dedicado à Arqueologia Náutica e Subaquática, por petição pública entretanto apoiada unanimemente no respectivo parlamento regional, a *Al-Madan Online* destaca um dos sítios emblemáticos desse rico e diversificado Património arqueológico: aquele onde naufragou o vapor *Lidador*, em 1878, quando assegurava a rota atlântica que unia Lisboa ao Rio de Janeiro. Incorporado em parque arqueológico subaquático desde 2005, a integridade e o estado de conservação do destroço deste navio surpreendem os muitos mergulhadores recreativos que atraí à baía de Angra do Heroísmo. Mas evocam também um dos movimentos sociais mais relevantes do século XIX açoriano e português: o da emigração legal e clandestina para o Brasil, maioritariamente oriunda dos Açores e do Minho, num contexto que a historiografia viria a classificar de “*escravatura branca*”, por incidir essencialmente sobre mão-de-obra desqualificada e barata destinada a substituir o comércio de escravos africanos, cuja proibição fora decretada em 1850. Esse é o contexto económico e social que o naufrágio do *Lidador* também permite abordar. Outros estudos têm por tema a interacção de populações fenícias e indígenas no processo de formação de *Olisipo* e na estruturação do território envolvente ao longo do I milénio a.C., ou análises mais detalhadas dos selos de chumbo aplicados em mercadorias que chegaram ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, ou ainda de um marco epigrafado que marcaria a divisão entre os terrenos ligados a este Mosteiro e à Quinta das Lágrimas, passando por um conjunto de materiais de Época Moderna recolhidos na Rua da Fé, em Lisboa, e por um olhar arqueológico sobre instrumento culinário recolhido em estruturas habitacionais do século XVI, em Silves. A Arqueologia de campo está representada por trabalhos em Moura, Lisboa e Leiria, enquanto outros artigos partem da realidade brasileira para uma reflexão mais abrangente sobre a teoria e a prática arqueológicas a aplicar em contextos de catástrofe, discutem como avaliar e registar situações dramáticas de isolamento sénior, e questionam os limites da Arqueologia contemporânea portuguesa. Por fim, a *Al-Madan Online* volta a dar atenção à arte do guadameci / “couro dourado”, agora a propósito de uma encomenda do início do século XVII destinada a decorar o Palácio de Estaus, sede da Inquisição de Lisboa. E o alinhamento encerra com noticiário breve de intervenções arqueológicas e de eventos científicos ou de divulgação, que acompanha a agenda dos anunciados para os próximos meses e a recensão e destaque de edições recentes. Tudo isto antecedido pelas crónicas de Arqueologia e Património que dão brilho às páginas iniciais desta edição. Como sempre, votos de que encontre bons motivos de leitura, com prazer e saúde.

Jorge Raposo, 28 de Junho de 2026

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica |
Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo | April M.
Beisaw, Tânia Casimiro, Maria João B.
Coelho, Ricardo Coelho, Rui Gomes

Coelho, Sara Cura, Vítor Durão, José
d'Encarnação, Allysson A. de Farias,
Vanessa Filipe, Sofia Fonseca, Marcos
T. E. Frota, Cristina Gameiro, Vanessa
Gaspar, Catarina Gomes, Rosa V. Gomes,
Sérgio Gomes, Susana Henriques, Martha
J. Hernández Velasco, Vítor O. Jorge,
Catarina C. Leal, Afonso Leão, Sebastião
L. de Lima Filho, António Marques,
Maria João Marques, Nicholas Márquez-
Grant, Victor Mestre, Manoel O. Moraes
Filho, Renato E. Moreira Filho, José
Luís Neto, Agustín Ortega-Esquínca,
Susana Pacheco, F. Donald Pate,

Franklin Pereira, Rui Pina, Rui Pinheiro,
Paulo Costa Pinto, Artur Rocha, Maria
Isabel F. Rodrigues, André Tomás Santos,
Filipe J. C. Santos, Joel Santos, Maria
do Céu Santos, Guilherme Sarmento,
João Sequeira, Bruno Silva, Sara Simões,
Vítor Rafael C. Sousa, Marco Valente
e Alexandra Vieira

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade
dos autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

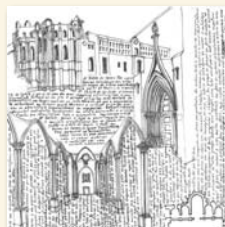
EDITORIAL... 3 ▶

CRÓNICAS

Esta louca correria... |
José d'Encarnação... 6 ▶



Conservar, reconstituir, mobilar
de passado o nosso presente | Vítor
Oliveira Jorge... 9 ▶



A questão do *bom senso* e do *bom gosto*
nas intervenções em Património: a liberdade
criativa enquanto processo de vivificação
da memória cultural | Victor
Mestre... 12 ▶

ESTUDOS



O *Lidador*:
um relevante
documento da História
social atlântica nos
Açores | José Luís
Neto... 16 ▶

Selos de Mercadorias:
os selos de chumbo do
Mosteiro de Santa Clara-
-a-Velha em Coimbra |
Maria João Bernardes
Coelho, Catarina Cunha
Leal e Maria do Céu
Santos... 32 ▶



Olisipo no Baixo Tejo:
estruturas territoriais e
processo de formação,
I milénio a.C. | Vitor
Durão... 46 ▶



Gabinete de Curiosidades.
Materiais de Época Moderna da
Rua da Fé, Lisboa | Artur
Rocha... 61 ▶

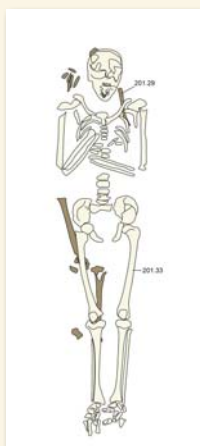


Uma Estrema Entre o Mosteiro de
Santa Clara-a-Nova e a Quinta das
Lágrimas (Coimbra): crónica de
um marco (re)descoberto na Rua
Cano dos Amores | Filipe J. C.
Santos e Maria Isabel Figueiredo
Rodrigues... 71 ▶



Carretilha: de utensílio
culinário a artefacto
arqueológico | Rosa Varela
Gomes... 78 ▶

ARQUEOLOGIA



A Arqueologia na
Reabilitação Urbana:
o caso da *Torre do Relógio*,
em Amareleja | Vanessa
Gaspar... 85 ►



Síntese dos Trabalhos Arqueológicos
Realizados no Viaduto do Campo Grande,
Torre Vicentina, Rampa de Garagem /
/ Metropolitano de Lisboa | Vítor Rafael
C. Sousa, Rui Pina, Bruno Silva,
Guilherme Sarmento e Catarina
Gomes... 94 ►



A *Casa Fabião* (Largo de São Pedro,
Leiria): os resultados dos trabalhos
arqueológicos recentes | Filipe
J. C. Santos... 107 ►

OPINIÃO

Digging up the present! Essay on Disaster Archaeology:
concept, definition, and its field of practice as a subfield of
Forensic Archaeology | Sebastião Lacerda de Lima Filho, Marcos Tadeu
Ellery Frota, Renato Evando Moreira Filho, April M. Beisaw,
F. Donald Pate, Nicholas Márquez-Grant, Martha Judith
Hernández Velasco, Allysson Allan de Farias e Manoel
Odorico de Moraes Filho... 124 ►



Arqueologia do Isolamento
Sénior: ética, memória e
metodologias de registo | Tânia
Casimiro, João Sequeira, Joel
Santos, Susana Henriques e
Vanessa Filipe... 131 ►

PATRIMÓNIO



Os Guadamecis no Palácio da
Inquisição, no Rossio Lisboeta,
em Inícios do Século XVII |
Franklin Pereira... 148 ►

Da Consagração Arqueológica à
Decadência Intelectual: porque escrevemos
o óbvio? | Joel Santos, Susana Pacheco,
João Sequeira, Tânia Casimiro, Afonso Leão
e Ricardo Coelho... 141 ►

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Um achado fortuito na Fundação de
Serralves | Rui Pinheiro... 156 ►
Monte da Salsa / Salsa 1 (Brinches, Serpa):
um novo complexo religioso? | Marco Valente e
Maria João Marques... 159 ►
Dois Prováveis Monumentos Megalíticos Inéditos?
(União de Freguesias de Salvador e Santa Maria da
Feira, Beja) | Marco Valente e Agustín
Ortega-Esquina... 163 ►

EVENTOS

Workshops 50Layers | Cristina Gameiro,
Sérgio Gomes, Rui Gomes Coelho, Sara Simões,
André Tomás Santos e Sara Cura... 165 ►
ArqueoLoci em 2026: iniciativas para a
valorização do turismo arqueológico em Portugal |
António Marques, Alexandra Vieira, Sofia
Fonseca e Paulo Costa Pinto... 168 ►
Agenda de Eventos... 171 ►

LIVROS & REVISTAS

Retrato, vós não sois meu! | José d'Encarnação... 172 ►
Novidades editoriais... 173 ►

Esta louca correria...

José d'Encarnação [Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Está sobre a secretária a rolha duma garrafa de vinho que diz: FEITO DEVAGAR NO ALENTEJO. «*Tudo tem o seu tempo!*», proclama o *Eclesiastes* (3, 1). A luta constante, uma guerra, de que podem ser testemunho batalhas perdidas. Eis algumas.

1. Recebi, 'remetida' por confrade meu, a mensagem: «*Estás disponível? Tenho uma tarefa urgente para ti. Estou a caminho de uma reunião neste momento. Sem chamadas, por favor responde apenas ao meu email.*» Percebia-se, pelo endereço, que se tratava de mensagem falsa e, como tal, remeti-a ao detentor do verdadeiro endereço, simplesmente para lhe dar conhecimento. Respondeu-me nestes termos: «*Peço muita desculpa. A resposta não é minha. Trata-se de uma reação falsa.*» Pasmiei:

- a) não tinha de me pedir desculpa;
- b) eu não lhe enviara uma 'resposta';
- c) que não era dele já eu sabia e, por isso, lha remetera;
- d) e onde é que está a «*reação falsa*»?

2. Resposta (automática, embora oficialmente vinda da directora) ao envio de artigo para uma revista: «*Olá, M. H. submeteu o manuscrito, "vvvvv" à Boletim de Estudos. Se tiver questões, por favor contacte-nos. Obrigado por considerar esta revisão como meio de difusão do seu trabalho.*» As incongruências são tão evidentes que nem é mister referi-las. Quantas contou?

3. A familiaridade, de longa data mantida, permitia que a correspondência viesse assinada por iniciais: MT. Um dia, porém, veio MTY. Depressa, porém, a signatária se deu conta do lapso e nova mensagem remeteu, na volta do correio: «*O "Y" do "FT" não é um novo apelido... é a pressa com que ando sempre: 😞*»

4. Tive ocasião de me referir ao touro, cuja altaneira imagem constituía bem conhecida publicidade, em terras de Espanha, ao *Brandy de Jerez Veterano*. Nos anos 1990, a proibição da publicidade nas estradas levou a suprimir o nome, mas o poder popular obrigou o Supremo Tribunal a permitir, em 1997, que os touros ficassem, atendendo ao seu «*interesse estético ou cultural e integração na paisagem*». Haverá, na actualidade, cerca de 90 desses touros, a maioria na Andaluzia. E aproveitei o ensejo para perorar: «*Tínhamos nós, Portugueses, painéis publicitários em azulejo, concebidos, geralmente, por artistas de nomeada da nossa praça e que estrategicamente se colocaram, por exemplo, à entrada das povoações. Fazem parte do nosso imaginário. Recordo os painéis dos Nitratos do Chile, dos Pneus Mabor, do Licor Beirão... Quem não se lembra? Evocavam o bom exemplo das firmas que, desde cedo, aquilataram o importante poder da boa publicidade. É provável que ainda subsistam alguns por esse país fora. Se subsistem, há que os preservar! Que os autarcas se consciencializem de que eles fazem parte da nossa memória coletiva.*»

Credenciado colega fez um comentário, que mostrava claramente que não lera a pequena crónica até ao fim – e o fim é que era, em meu entender, o mais importante. Retorqui-lhe: «*Olha, amigo, tu não leste a crónica até ao fim! Ora lê.*» Respondeu: «*Tens razão! A vida hoje em dia não nos dá tempo para nada, mesmo aposentados!... desculpa!...*».

5. Uma entidade enviou-me, com a intenção de eu divulgar, mas desacompanhado de qualquer texto ou mera saudação, o documento IMG-20260311-WA000.jpg. Tratava-se do anúncio de um concerto de coros que, naturalmente, tinha identificação e, por sinal também, não se realizaria a 11 de Março de 2026, como a legenda poderia dar a entender. Dou comigo a perguntar-me: num mundo em que um *drone*, um míssil ou uma depressão podem, num ápice, reduzir a escombros todo um bairro, haverá assim tanta tarefa que um senhor não tenha possibilidade de dispor de dois minutos para transformar siglas em algo verdadeiramente entendível e proveitoso?

“Tudo tem o seu tempo.”



JOSÉ LUÍS MADEIRA - 2026

Ilustração: *Tudo tem o seu tempo*, José Luís Madeira, 2026.

6. Encontrei, nas arrumações, a capa dum bloco-notas assim identificado: *X Jornadas Históricas Portugal: Mitos e Ritos 16/17 de Novembro*.

Dei a volta à cabeça: em que ano foi ‘isto’? A omissão do ano na documentação sobre iniciativas culturais retira-lhe a componente cronológica. Ainda por cima, umas jornadas históricas – e, em História, é imprescindível a localização temporal.

7. As nótulas seguintes não têm a ver com a pressa de realização, mas sim com a pressa na concepção:

A – Por que razão se teima em preferir o galicismo «*ter lugar*» em vez de ‘realizar’, ‘efectuar’?... Aliás, nos tempos que correm, o mais coerente deveria ser «*está previsto para...*», atendendo a tantos condicionalismos a que estamos sujeitos. E, a esse propósito, como é possível escrever que «*o senhor Y vai fazer uma conferência às X horas*»? Não faz. Na melhor das hipóteses, o começo da conferência poderá ser «às X horas»; o correcto, portanto, é: «*a partir das X horas*».

B – Por que razão continuamos a submeter-nos ao termo «*newsletter*», mui escusado anglicanismo? Não há tempo para pensar noutro? Então, veja-se como, depois de alertados para esse crime de lesa vernaculidade, de pronto souberam reagir os responsáveis: na Academia das Ciências de Lisboa, optou-se por ‘Notícias’; no Museu do Douro, por ‘bloco-notas’; no Museu Nacional de Arqueologia, por ‘Boletim Digital’; no Panteão Nacional, por ‘Agenda e Notícias’... Com grande pena minha, direi que a minha Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra permaneceu fiel aos britânicos, certamente para dar um ar de internacionalidade, quase a exemplo dessoroutra escola – a «*School of Business and Economics*» – que, por estranho que pareça, se situa em Portugal, mais concretamente junto à Praia de Carcavelos, ao largo da qual (importa recordar!), aquando da 3.^a invasão francesa, estavam ancorados os navios ingleses, prontos a zarpar com os refugiados, caso as Linhas de Torres dessem pró torto e os bonapartistas viessem por aí abaixo atacar a capital do Reino!...

E, por favor, se concorda comigo, não me responda «*ok*»; responda «*Certo!*». E não crie um «*link*», prefira «*atalho*», que é portuguesíssimo e quer dizer isso mesmo: o caminho mais curto para chegar a um sítio! Ou siga o bom exemplo (que aplaudo!) da Academia Portuguesa da História, que acaba de optar por «*a ligação de acesso à...*».

**Quando tudo é urgente,
nada permanece. Quando tudo
nos chega, nada se organiza.
Saber exige outra coisa. Exige
tempo, contexto, continuidade.
Exige conflito com aquilo
que lemos. Exige parar.
E parar, hoje, é quase
um gesto político.**

Leonor Freitas, *Duas Linhas* (2026-03-25).

Estas, amigo, as minhas lutas. Batalhas que gostava de ganhar. Perdoe-me se o macei ao partilhá-las. Vale-me ter, de vez em quando, alguém que pensa como eu. Leonor Freitas, a 25 de Março de 2026, publicou a crónica «*Porque Ver Não é Saber*» (acessível em: <https://bit.ly/4djfBqe>). Afigura-se-me muito boa conclusão para estes desabafos meus: «*Quando tudo é urgente, nada permanece. Quando tudo nos chega, nada se organiza [...]. Saber exige outra coisa. Exige tempo, contexto, continuidade. Exige conflito com aquilo que lemos. Exige parar. E parar, hoje, é quase um gesto político*».

Pois que seja! – digo eu. 🐉

José d'Encarnação,
Cascais, 16 de Abril de 2026